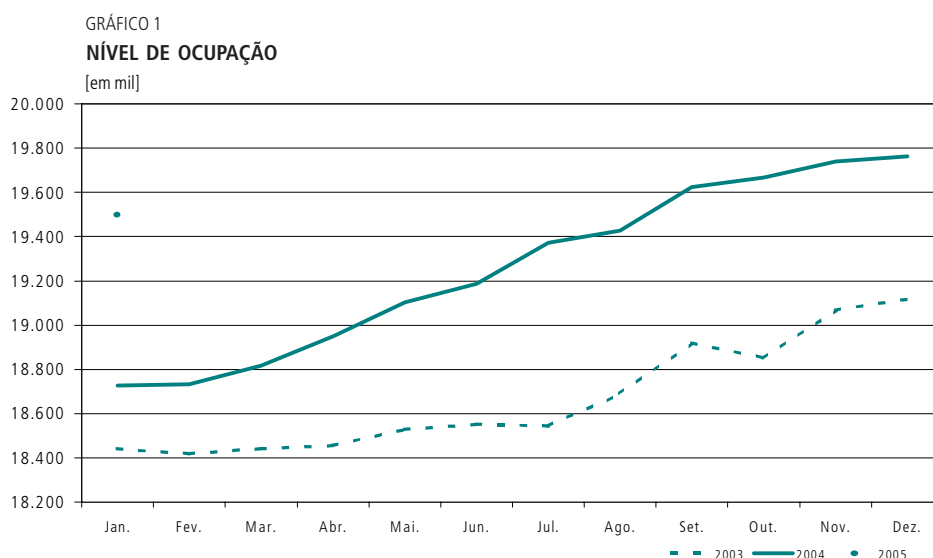


ANÁLISE DO MERCADO DE TRABALHO

O mercado de trabalho mostrou uma evolução bastante positiva em 2004, com aumento do nível de ocupação, ampliação na criação de vagas com carteira assinada e queda da taxa de desemprego. Essa evolução, no entanto, se mostra diferenciada quando se compara o que ocorreu no primeiro semestre e o desempenho que houve na segunda metade do ano. No início de 2004, o mercado de trabalho apenas começava a esboçar os primeiros sinais de recuperação, depois de ter atravessado os piores momentos da política fortemente contracionista que precisou ser posta em prática em 2003; já no segundo semestre, a continuação de uma demanda maior por mão-de-obra levou a sucessivas quedas da taxa de desemprego e a uma melhoria gradual dos rendimentos reais, que passaram a registrar resultados positivos nas comparações com os mesmos meses de 2003.

Em relação ao nível de ocupação, a criação de 646 mil postos de trabalho foi resultado da variação positiva consecutiva em 11 dos 12 meses de 2004 [maior período contínuo de criação de vagas desde o início da nova Pesquisa Mensal de Emprego (PME)], com uma diferença muito nítida de comportamento ao longo do ano: enquanto no primeiro semestre houve criação de apenas 68,7 mil vagas, crescimento de 0,4% em relação ao nível de dezembro anterior, no segundo semestre o número de novas vagas passou para 393 mil, ou seja, uma variação de 3,0% sobre o resultado de junho. Com isso, o crescimento da ocupação nos 12 meses de 2004 ficou em 3,4% (dezembro de 2004 contra dezembro de 2003), enquanto na média anual houve uma variação de 3,2% sobre o resultado de 2003.

Segundo a Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED),¹ a criação de vagas em 2004 mostrou-se um pouco superior à registrada pela PME, com um crescimento anual de 4,1%



1. A PED cobre seis regiões metropolitanas (São Paulo, Belo Horizonte, Recife, Salvador, Porto Alegre e Distrito Federal), sendo realizada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese) em convênio com entidades regionais de pesquisa.

(dezembro de 2004 contra dezembro de 2003). Contudo, existem algumas diferenças na evolução do nível de ocupação entre as duas pesquisas no primeiro trimestre do ano. Enquanto a PED registrou redução do nível de ocupação em todos os meses desse período, a PME só apontou queda em janeiro. Tal discrepância se dá justamente pelas diferenças de metodologia entre essas pesquisas, já que os resultados da PED são uma média móvel dos últimos três meses, o que provoca uma alteração no comportamento dos indicadores, que é mais visível em momentos de forte reversão sazonal, como ocorre com a ocupação no início do ano.

Considerando a PME, quando analisada a ocupação de acordo com cada uma das seis regiões metropolitanas, notam-se algumas diferenças em suas respectivas evoluções, conforme pode ser observado na Tabela 1.

Recife teve um crescimento de apenas 1,5% na ocupação em 2004, menor variação entre todas as regiões, com acentuadas oscilações ao longo dos trimestres. Rio de Janeiro foi a única região que apresentou redução do número de ocupações no quarto trimestre, ao invés de mera desaceleração, encerrando o ano, mesmo assim, com variação positiva de 3,2%² (ligeiramente abaixo da média).

Por outro lado, São Paulo e Porto Alegre apresentaram altas taxas de crescimento da ocupação em 2004, chegando a 3,4% e 3,2%, respectivamente, ao final do ano. As regiões de São Paulo,³ Belo Horizonte e Salvador foram as que registraram variação acima da média entre as seis regiões metropolitanas pesquisadas pela PME.

Quanto à desagregação setorial do nível de ocupação (Tabela 2), a construção civil, que vinha de um período prolongado de perda de vagas, surpreendeu positivamente ao registrar expressiva alta de 7,6% no último trimestre de 2004 — a maior entre todos os setores. Com isso, a variação observada na comparação com o mesmo período do ano anterior, que tinha

TABELA 1
VARIÇÃO DO NÍVEL DE OCUPAÇÃO POR REGIÃO METROPOLITANA
[em %]

Períodos	Rio de Janeiro		São Paulo		Porto Alegre		Belo Horizonte		Recife		Salvador		Total	
	Período	Período	Período	Período	Período	Período	Período	Período	Período	Período	Período	Período	Período	Período
	Ante- rior	Ano Ante- rior	Ante- rior	Ano Ante- rior	Ante- rior	Ano Ante- rior	Ante- rior	Ano Ante- rior	Ante- rior	Ano Ante- rior	Ante- rior	Ano Ante- rior	Ante- rior	Ano Ante- rior
Dez./2003	-1,5	2,9	1,4	6,1	0,2	3,0	-0,5	5,5	1,1	5,2	0,6	2,7	0,3	4,7
Jan./2004	-1,2	-1,0	-2,4	3,4	-1,6	2,3	-2,7	1,9	-2,7	-0,7	-1,8	0,7	-2,0	1,5
1º Trim./2004	-0,6	0,7	-1,4	2,8	-2,3	0,9	-1,5	3,5	-2,4	-1,3	-1,5	0,9	-1,3	1,8
2º Trim./2004	1,8	1,7	1,8	4,4	1,3	1,7	2,5	4,0	1,5	1,9	0,7	1,6	1,7	3,1
3º Trim./2004	2,1	3,2	1,8	4,6	1,6	3,0	2,9	5,9	0,8	0,3	4,3	5,9	2,1	4,0
4º Trim./2004	-0,6	2,7	2,1	4,3	2,3	2,9	0,7	4,7	2,0	1,8	2,4	5,9	1,3	3,7
Dez./2004	-0,5	3,2	0,4	3,4	1,6	3,2	-0,8	4,2	0,5	1,5	-0,1	4,6	0,1	3,4
Jan./2005	0,3	4,8	-1,7	4,2	-2,7	2,0	-3,0	3,9	-2,3	1,9	-0,3	6,3	-1,4	4,1

Fonte: PME/IBGE.

Elaboração: IPEA/DIMAC.

2. Na comparação de dezembro de 2004 com o mesmo mês do ano anterior.

3. Crescimento dessa região ficou 0,1 ponto percentual (p.p.) acima da média do conjunto das seis regiões metropolitanas (3,5% em São Paulo e 3,4% no total).

TABELA 2
VARIAÇÃO NA OCUPAÇÃO POR SETOR DE ATIVIDADE
 [em %]

Períodos	Indústria		Construção Civil		Comércio		Serviços a Empresas		Administração Pública		Serviços Domésticos	
	Período Anterior	Período Ano Anterior	Período Anterior	Período Ano Anterior	Período Anterior	Período Ano Anterior	Período Anterior	Período Ano Anterior	Período Anterior	Período Ano Anterior	Período Anterior	Período Ano Anterior
Dez./2003	0,4	3,8	3,2	0,1	3,3	7,4	-1,8	4,4	-2,9	4,0	0,6	-0,4
Jan./2004	-0,3	0,3	-0,7	-0,6	-4,9	1,1	-1,0	4,8	-1,5	0,4	-1,8	6,0
1º Trim./2004	-1,4	1,2	3,3	0,9	-1,0	0,7	-2,1	3,6	-2,9	1,5	0,5	4,5
2º Trim./2004	3,0	2,5	-4,5	-3,1	0,3	3,3	4,2	4,8	3,6	4,2	3,7	3,8
3º Trim./2004	2,9	5,6	-1,0	-2,9	0,1	2,8	2,6	5,4	1,9	4,6	3,8	8,0
4º Trim./2004	1,0	5,5	7,6	5,1	1,0	0,4	2,1	6,8	-3,1	-0,6	2,6	11,1
Dez./2004	-0,1	4,7	3,5	4,8	1,2	-1,0	-1,4	7,5	-1,6	0,0	1,9	11,5
Jan./2005	-1,0	4,0	-4,5	0,8	-0,5	3,6	-0,9	7,6	-0,4	1,1	-2,5	10,7

Fonte: PME/IBGE.

Elaboração: IPEA/DIMAC.

sido de -2,9% no terceiro trimestre, passou para 5,1% nos últimos três meses de 2004, atingindo em dezembro 4,8% em relação ao mesmo mês de 2003.

O fraco crescimento da ocupação no comércio nos três primeiros trimestres do ano marcou esse setor como aquele que, depois da construção civil, mais dificuldades teve em acompanhar o ritmo do mercado de trabalho em 2004, registrando, inclusive, uma queda de 1% ao final do ano.

O desempenho da indústria, ao contrário, foi bastante positivo. No quarto trimestre, em especial, o setor mostrou um comportamento não usual, pois é um período em que, normalmente, depois de atendidos os pedidos do comércio para o final do ano, o número de demissões supera o de contratações. Todavia, nesse período houve, em 2004, elevação de 1% na ocupação do setor, fazendo com que a variação trimestral atingisse 5,5% na comparação com o mesmo trimestre do ano anterior. Outro setor que se destacou positivamente foi o de serviços domésticos, que em 2004 teve crescimento de 11,1%, na comparação de dezembro 2004/2003.

Como pode ser observado, o desempenho favorável da ocupação em 2004 disseminou-se pelos diversos setores da economia e é indicativo da maior consistência da demanda por mão-de-obra, ancorada atualmente também no mercado interno e não somente no bom desempenho das exportações.

A desagregação da ocupação, segundo a natureza do vínculo empregatício, revela em 2004 um aumento nas ocupações com carteira assinada, cerca de 27,5% acima (75 mil postos de trabalho) do que o verificado com a soma da variação de vagas sem carteira e de trabalhadores por conta própria no período.

O mesmo cálculo, considerando apenas o setor privado, é ainda mais positivo, já que a criação de vagas com carteira assinada superou em 80% (ou 145 mil vagas) a soma de novas ocupações dos trabalhadores sem carteira e por conta própria no mesmo período.

TABELA 3
VARIAÇÃO ABSOLUTA DA OCUPAÇÃO POR POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO
 [em mil pessoas]

Períodos	Com Carteira	Sem Carteira	RJU	Conta-Própria	Total
Jan./2004	-55	-183	-38	-27	-392
1º Trim./2004	-48	-192	-45	41	-302
2º Trim./2004	141	226	52	-155	370
3º Trim./2004	111	130	51	196	438
4º Trim./2004	144	104	2	-77	140
Total 2004	348	268	60	5	646
Jan./2005	-33	-168	-3	-54	-268

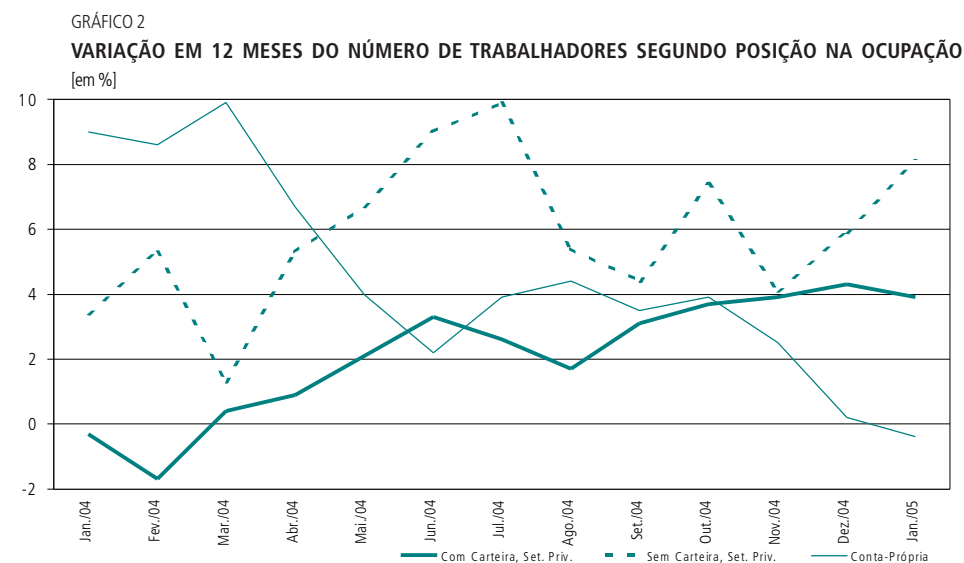
Fonte: PME/IBGE.

Elaboração: IPEA/DIMAC.

Como a população economicamente ativa (PEA) da PME representa aproximadamente 25% da PEA nacional, tal evolução na criação de vagas formais corrobora os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados, do Ministério do Trabalho e Emprego (Caged/MTE), que em 2004 registrou a criação de 1,5 milhão de novas ocupações com carteira.

No Gráfico 2, que mostra as variações acumuladas em 12 meses, ainda segundo os tipos de vínculos trabalhistas, nota-se o nítido crescimento das ocupações com carteira no setor privado ao longo do ano. No sentido oposto, o aumento do contingente de trabalhadores por conta própria experimentou forte desaceleração desde março de 2004, chegando a uma variação anual negativa de 0,4% em janeiro deste ano.

Com esses movimentos, a participação dos trabalhadores com carteira do setor privado em relação ao total de ocupados em 2004 ultrapassou em novembro aquela observada em 2003 (Gráfico 3). Paralelamente, enquanto o crescimento do total de ocupações sem carteira⁴ em 2003 foi da ordem de 12,6%, em 2004 ele caiu para 6,2%, o que significa uma considerável desaceleração na criação de vagas informais.



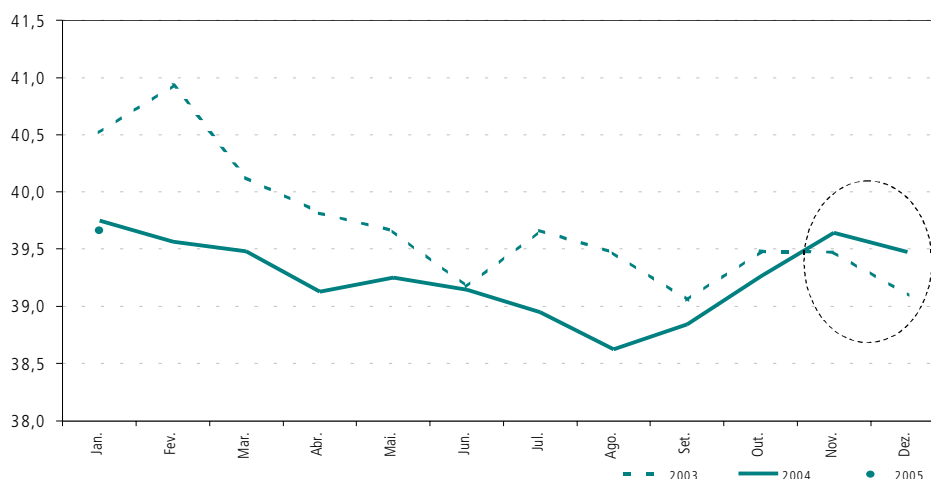
4. Considerando setor privado, governo e trabalhadores domésticos.

TABELA 4
PIA, PEA E OCUPADOS — TAXAS DE VARIAÇÃO EM 12 MESES
 [em %]

Períodos	PIA	PEA	Ocupados				
			Total	Empregados do Setor Público	Empregados do Setor Privado		Conta-Própria
					Com Carteira	Sem Carteira	
Jan./2004	2,0	2,1	1,7	-2,7	-0,3	3,4	9,0
Fev./2004	1,8	2,2	1,7	0,2	-1,7	5,3	8,6
Mar./2004	1,8	2,8	2,1	0,7	0,4	1,3	9,9
Abr./2004	1,9	3,4	2,7	-0,3	0,9	5,3	6,7
Mai./2004	1,9	2,4	3,1	2,5	2,1	6,7	4,0
Jun./2004	2,3	2,0	3,4	1,6	3,3	9,0	2,2
Jul./2004	2,3	2,6	4,4	6,0	2,6	9,9	3,9
Ago./2004	1,9	2,0	3,9	7,6	1,7	5,4	4,4
Set./2004	2,0	1,4	3,7	2,8	3,2	4,4	3,5
Out./2004	2,0	1,5	4,3	1,2	3,7	7,4	3,9
Nov./2004	2,3	1,8	3,5	0,8	3,9	4,2	2,5
Dez./2004	2,1	1,9	3,4	0,5	4,3	5,9	0,2
Média 2004/2003	2,0	2,2	3,2	1,6	2,0	5,4	4,9
Jan./2005	2,4	2,4	4,1	3,8	3,9	8,1	-0,4

Fonte: PME/IBGE.
 Elaboração: IPEA/DIMAC.

GRÁFICO 3
PARTICIPAÇÃO DOS TRABALHADORES COM CARTEIRA ASSINADA DO SETOR PRIVADO NO TOTAL DA OCUPAÇÃO
 [em %]



Considerando então o conjunto desses resultados (setor privado, governo, conta-própria e trabalhadores domésticos), a evolução recente do grau de formalidade⁵ do mercado de trabalho foi muito positiva, com esse indicador situando-se, em janeiro deste ano, quase 1 p.p.

5. Conceitua-se aqui grau de formalidade a soma dos trabalhadores com carteira, militares e RJU (estatutários) dividido pelo número total de ocupados.

acima do verificado ao iniciar-se o último trimestre de 2004 (passou de 50,7% para 51,6% entre outubro do ano passado e janeiro deste ano).

Em relação à desagregação do nível de ocupação por gênero, a participação das mulheres chegou a 43,7% em dezembro, com um crescimento de 0,5 p.p. em 12 meses, repetindo praticamente a mesma variação registrada em 2003. Essa maior participação é confirmada também pelo aumento havido na PEA, pois as mulheres foram responsáveis por 85% da sua variação.⁶

A ocupação, segundo os diferentes graus de instrução, teve em 2004 um aumento da participação dos estratos com maior escolaridade. As ocupações de pessoas com 11 ou mais anos de escolaridade apresentaram um crescimento de 7,1% (685 mil vagas), superior mesmo à variação verificada no total.

Enquanto os contingentes de 8 a 10 e de 4 a 7 anos de estudo ainda cresceram 0,8% e 0,4%, respectivamente, o grupo com 1 a 3 anos de estudo apresentou queda na ocupação (4,4%, ou 52 mil pessoas) e, na ponta oposta do espectro de escolaridade, 5,9% das pessoas com menos de 1 ano de estudo saíram da situação de ocupados (menos 34 mil pessoas nessa faixa). O fato de a variação do número de ocupados com maior grau de instrução ter sido, em 2004,⁷ maior que a soma da variação da ocupação de todos os demais grupos deu continuidade ao processo de aumento no grau de escolaridade média da população ocupada, que vem ocorrendo de forma ininterrupta desde pelo menos o início da década de 1990.

Outra característica muito positiva do desempenho do mercado de trabalho em 2004 foi a diminuição da ocupação das pessoas de 10 a 14 anos de idade. Apenas em 2004 houve redução para menos da metade desse contingente (uma expressiva queda de 56%), fazendo-o passar de 125 mil, em dezembro de 2003, para 55 mil ao final de 2004. A tendência de aceleração da queda⁸ desse estrato, tanto na ocupação quanto na PEA, aponta perspectivas auspiciosas para o objetivo de erradicação do trabalho infantil.

No que diz respeito à situação do desemprego em 2004, depois de a taxa de desocupação registrar sucessivos aumentos no primeiro semestre, até atingir o recorde histórico de 13,1% (na série nova da PME), em abril, houve redução em quase todos os meses seguintes, alcançando-se o patamar de um dígito (9,6%) em dezembro, nível também histórico.⁹ Tal redução representa uma queda considerável, de 3,5 p.p. desde abril passado e de 1,3 p.p. em relação a dezembro de 2003. Assim, enquanto a taxa de desemprego média do primeiro semestre situou-se em 12,3%, no segundo ela caiu para 10,7% (diferença de 1,6 p.p.).

Apesar de o comportamento da taxa de participação ter colaborado, o crescimento contínuo da ocupação em 11 dos 12 meses do ano passado (com exceção de janeiro) foi o maior responsável por essa redução da taxa de desemprego, como mostra o Gráfico 5.

Em relação à PED, a taxa de desemprego em 2004 evoluiu de maneira quase que idêntica à da PME, mostrando, no entanto, patamares que foram, na média, 0,9 p.p. acima desta.¹⁰ Em abril a PED também registrou o maior nível de taxa de desocupação no ano

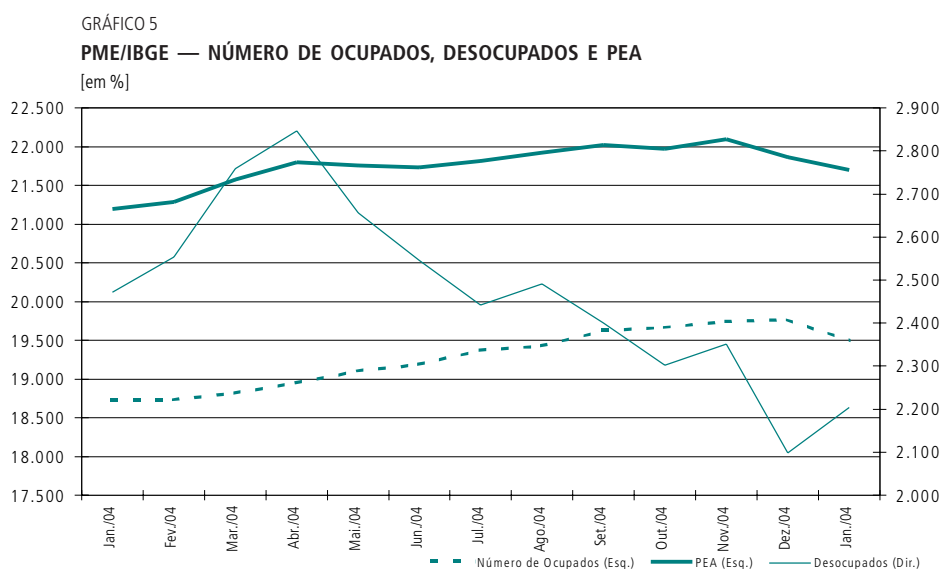
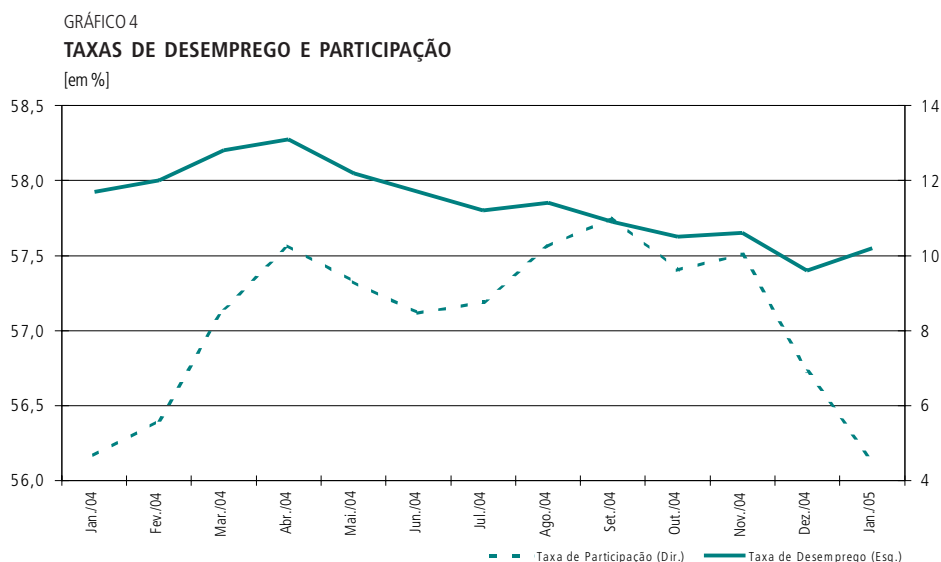
6. Das 646 mil novas ocupações em 2004, 65% eram mulheres e 35% homens, enquanto na PEA, 85% dos novos entrantes eram mulheres, e apenas 15% homens.

7. Em 2003 também houve um movimento similar de troca de posição da ocupação, porém em um ritmo mais lento.

8. Na comparação com o mesmo mês do ano anterior.

9. Considerando-se também a nova metodologia da PME, iniciada em março de 2002.

10. Isso se deve à ausência, na PED, da região metropolitana do Rio de Janeiro, a qual, devido a suas taxas de participação mais baixas, apresenta, historicamente, uma taxa de desemprego também mais baixa.



(13,7%), embora esse número não tenha representado o seu pico histórico, como acontece na PME. Em termos médios, a taxa de desemprego da PED passou de 13,1% no primeiro semestre para 11,7% no segundo.

Quanto aos rendimentos médios reais habitualmente recebidos no ano passado, houve nítido movimento de recomposição da queda de 12,5% registrada ao final de 2003. As variações positivas, na comparação anual, tomaram forma apenas no segundo semestre e chegaram a atingir 3,2% em setembro (ver Tabela 5). Entretanto, as quedas mensais de 1,2% e 1,8%, em outubro e dezembro, respectivamente, fizeram com que essa recomposição chegasse no último mês de 2004 reduzida a apenas 1,9% de crescimento, na comparação com dezembro de 2003.

A evolução dos rendimentos reais segundo as categorias de ocupação, mostrada na Tabela 5, foi bastante diferenciada ao longo de 2004, sendo a variação média anual em relação a 2003, de -0,7%, bastante influenciada pela queda nos rendimentos dos trabalhadores do setor público.

A recuperação dos rendimentos médios reais dos trabalhadores responde ao crescimento da ocupação com alguma defasagem de tempo, pois no estágio inicial de retomada do

GRÁFICO 6
PME/IBGE — EVOLUÇÃO DOS RENDIMENTOS REAIS HABITUALMENTE RECEBIDOS
 [em R\$ de janeiro de 2005]

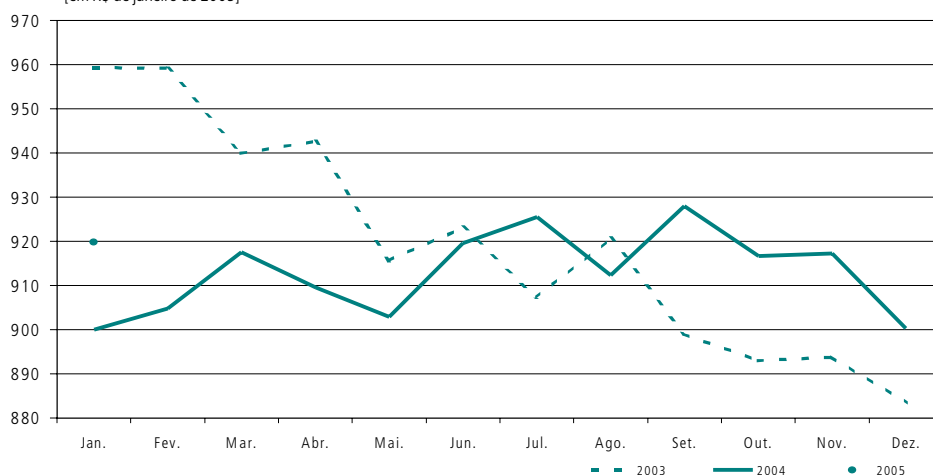


TABELA 5
RENDIMENTOS REAIS HABITUALMENTE RECEBIDOS SEGUNDO POSIÇÃO NA OCUPAÇÃO — VARIÇÕES EM 12 MESES
 [em %]

Meses	Ocupados				
	Total	Setor Público	Setor Privado		Conta-Própria
			Com Carteira	Sem Carteira	
Jan./2004	-6,2	-5,6	0,3	-2,1	-8,1
Fev./2004	-5,7	-7,6	0,3	-4,8	-5,0
Mar./2004	-2,4	-3,7	0,0	-3,9	3,2
Abr./2004	-3,5	-2,2	-2,9	-4,3	3,2
Mai./2004	-1,4	-1,8	-0,8	2,6	0,0
Jun./2004	-0,4	-2,9	1,1	4,0	-2,5
Jul./2004	2,0	-1,2	2,9	1,1	-2,3
Ago./2004	-0,9	-1,8	-0,9	-2,9	-0,2
Set./2004	3,2	1,2	2,1	0,0	0,0
Out./2004	2,6	0,5	1,6	-1,5	6,4
Nov./2004	2,6	0,2	0,2	4,4	3,9
Dez./2004	1,9	2,5	0,1	4,9	0,7
Média 2004/2003	-0,7	-1,9	0,3	-0,2	-0,2
Jan./2005	2,2	4,1	-1,3	9,6	-1,1

Fonte: PME/IBGE.

Elaboração: IPEA/DIMAC.

dinamismo do mercado de trabalho não só a elevada taxa de desemprego mantém pressionados esses rendimentos, mas também é mais acentuada a contratação de trabalhadores com menor grau de qualificação e nível remuneratório, o que tende a deprimir a remuneração média do conjunto dos ocupados.

Um outro fator que influencia a evolução da média dos rendimentos é a estrutura da ocupação em termos setoriais: se, por exemplo, o emprego passa a crescer em ritmo mais

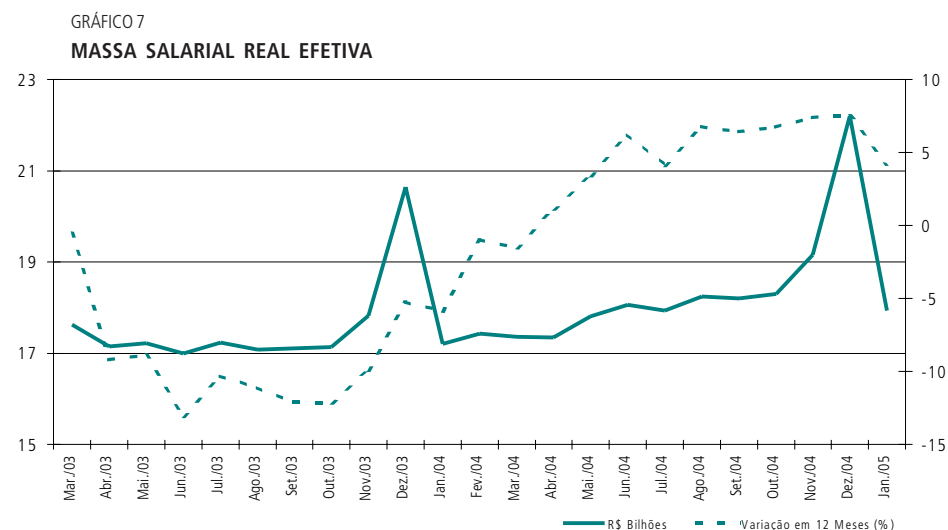
acelerado em setores onde os rendimentos são inferiores à média (como a construção civil), o maior peso que esses setores passam a ter no conjunto da ocupação pode atrasar a recuperação dos rendimentos médios.

Contudo, se o processo de crescimento da ocupação continuar a se dar de forma sustentada, ocorrerá uma queda da taxa de desemprego, melhorando as condições de barganha dos trabalhadores e a ampliação das contratações de pessoas mais qualificadas tenderá a prevalecer sobre possíveis efeitos de alterações na composição setorial, levando a aumentos mais definidos dos rendimentos médios. O mesmo efeito terá a confirmação de uma inflação menor em 2005.

Outro ponto importante a ser ressaltado no desempenho do mercado de trabalho em 2004 foi a evolução da massa salarial efetivamente recebida, que chegou em dezembro apresentando uma variação positiva de 7,5% em relação a dezembro de 2003. Trata-se da maior alta em 12 meses já registrada na nova PME,¹¹ evolução muito mais expressiva do que a queda de 5,2% registrada em dezembro de 2003, relativamente a dezembro de 2002. Esse movimento se deu de forma quase que equitativa a partir do crescimento da ocupação e da recuperação do rendimento real efetivamente recebido.

Os dados de janeiro de 2005, como esperado, indicam uma retração do dinamismo do mercado de trabalho, típica do início de ano, quando o nível de ocupação costuma sofrer um recuo sazonal, trazendo consigo um aumento da taxa de desemprego. Entretanto, indicando a melhor fase que o mercado de trabalho está passando, essa retração foi mais branda do que a ocorrida em janeiro de 2004: o recuo da ocupação em janeiro de 2005 correspondeu à perda de 268 mil postos de trabalho, redução esta, entretanto, cerca de 33% inferior à registrada em janeiro de 2004 (398 mil). Com isso, o crescimento da ocupação em 12 meses passou de 3,4% em dezembro para 4,1% em janeiro, ficando muito acima da variação registrada em janeiro de 2004 (1,6%), como mostrado na Tabela 1.

Tal diferença entre os meses de janeiro de 2004 e 2005 pode ser vista também no desempenho de alguns dos setores de atividade. Um bom exemplo é o comércio, cuja queda de ocupação em janeiro (em relação ao mês anterior), não impediu a aceleração do crescimento do seu nível de ocupação na comparação anual (de -1% em dezembro para 3,6% em janeiro).



11. Com dados disponíveis a partir de março de 2002.

A elevação da taxa de desemprego em 0,6 p.p. em janeiro representou, por sua vez, um movimento mais suave que o registrado na transição de dezembro de 2003 para janeiro de 2004, quando houve aumento de 1,5 p.p. Se as perspectivas positivas se confirmarem, o que tudo está a indicar, a taxa de desemprego poderá voltar ao patamar de 1 dígito mais rapidamente, permitindo, inclusive, que a taxa média anual também exiba um número similar, significativamente inferior ao resultado de 11,5% observado em 2004. Aliado a isso, a estrutura do mercado de trabalho também deverá apresentar melhoria, com aumento do seu grau de formalidade, a partir da continuidade do crescimento do emprego com carteira assinada.